

## CARACTERIZAÇÃO POLÍTICA SOCIECONÔMICA DAS MULHERES DA FEIRA AGROECOLÓGICA E SOLIDÁRIA DO CIRCUITO DE FEIRAS AGROECOLÓGICAS DO BAIXO MUNIM

Giovanna Lemos de Medeiros<sup>1\*</sup>, Ariadne Enes Rocha<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Engenheira Agrônoma, Centro de Ciências Agrárias (CCA), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Travessa Paulo VI, s/n - Cidade Universitária Paulo VI, São Luís - MA, 65057-630.

<sup>2</sup>Professora, Centro de Ciências Agrárias (CCA), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Travessa Paulo VI, s/n - Cidade Universitária Paulo VI, São Luís - MA, 65057-630.

**Autor para correspondência:** Giovanna Lemos de Medeiros; giovilemosm@gmail.com

**RESUMO:** A presença das mulheres no campo é uma realidade no Brasil, as triplas jornadas de trabalho que elas realizam, não são reconhecidas. Isso porque, o sistema capitalista em que estamos inseridas, é patriarcal, onde os homens mantêm o poder primário e as lideranças políticas. O fato dessas mulheres residirem em áreas rurais, não as exclui ou diminuem as possibilidades de viverem dia a dia com a opressão. Neste contexto, a pesquisa teve como tema a caracterização política e socioeconômica das mulheres feirantes, da região do Baixo Munim – Maranhão. O objetivo geral foi caracterizar o nível de organicidade na política e o reconhecimento do trabalho das mulheres da feira agroecológica e solidária do circuito de feiras agroecológicas do Baixo Munim. Os resultados mostraram que a maioria das mulheres da região se organiza de alguma forma, 75 % delas se consideram economicamente autônomas. O estudo apontou que o circuito de feiras é importante para a vida das feirantes, pois além da renda extra, há a satisfação, o aprendizado e a construção de novos valores nessas mulheres, além do papel das feiras agroecológicas, levando uma alimentação limpa de veneno para a mesa da(o) consumidora(or).

**PALAVRAS CHAVES:** Construção de Novos Valores; Feirantes; Reconhecimento do Trabalho.

### POLITICAL AND SOCIOECONOMICAL CHARACTERIZATION OF THE WOMEN FROM THE AGROECOLOGICAL AND SOLIDARY FAIRGROUNDS CIRCUITS OF THE REGION OF BAIXO MUNIM

**ABSTRACT:** The presence of women on the countryside is a reality in Brazil, the triple working areas that they are submitted to, not usually recognized. The main reason is the patriarchy of the capitalist system in which we are in, where men maintain the primary power and political leadership. The fact that these women live in rural areas, doesn't exclude them from the possibility of being oppressed, as a matter of fact. In this context, this research had as a theme the political and socioeconomical characterization of the marketer women from the Baixo Munim area - in the State of Maranhão. The main objective was characterize the political organicity level and the recognition of the work of women on the Agroecological & Solidarity Fair of the Circuit of Agroecological Fairs from Baixo Munim. The results show that most of the women from the area organizes themselves in some way, in syndicates, cooperatives or associations, 75% of them consider themselves financially autonomous. The study points that the Fairs Circuit is important for the life of these marketers, beyond the extra income, there is the satisfaction, the learning, and the construction of new values amongst those women, besides the role of the agro-ecological fair, taking a clean supply of poison to the table of the consumers.

**KEYWORDS:** Construction of new values, Marketers, Recognition of work.

### INTRODUÇÃO

O aparecimento dos movimentos de mulheres rurais remonta aos anos 1980 no Brasil, com as primeiras manifestações por seu direito à sindicalização de forma independente de pais, irmãos e maridos. Vivia-se um período de ressurgimento dos movimentos sociais após

vinte anos de ditadura militar. Movimentos feministas urbanos reivindicavam direitos para as mulheres; ecos dessas questões chegariam às mulheres rurais, que se organizavam em grupos, com o apoio de setores das igrejas progressistas, como parte da proposta de disseminação das Comunidades Eclesiais de Base (Siliprandi, 2010).

Segundo Thomaz (2002), quando a mulher se insere na luta política, ela passa a ter consciência de classe e a se reconhecer como parte de um grupo, com os mesmos anseios, discursos e símbolos. Essa consciência de classe traz uma série de transformações, entre elas a superação da concepção arcaica do que é ser mulher, e a construção de uma nova identidade e sociabilidade. Apesar de as mulheres verem no fator econômico uma alternativa para a igualdade entre homens e mulheres, isoladamente, a independência financeira não garante esta igualdade. Ademais, pode estar sendo dado o primeiro passo para a promoção de mudanças mais sólidas na direção de uma sociedade mais igualitária. No entanto, a dicotomia entre trabalho doméstico e trabalho profissional, está longe de ser superada, visto que o trabalho como feirante é uma alternativa para transitar entre esses dois mundos (Silva et al., 2014).

Dessa forma, é fundamental reconhecer o papel histórico das mulheres rurais, e do processo de auto-organização dessas mulheres. Levando em consideração as pautas conquistadas e as muitas lutas que se fazem presente no dia a dia na vida das mulheres que vivem no campo. A questão de gênero no meio rural deve ser pautada, a falta de pesquisas sobre gênero na agricultura é uma realidade que deve ser transformada, pois quando se discute gênero, discutimos e avançamos na agroecologia. A questão de gênero não deve mais ser considerada como “questão da mulher”, deve ser vista como ferramenta de mudança e avanço para a agroecologia.

## MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi uma pesquisa realizada em São Luís – MA no circuito de feiras agroecológicas do Baixo Munim e contou com o apoio técnico de estudantes do curso de Agronomia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e técnicos da Associação Agroecológica Tijupá. O Circuito de Feiras Agroecológicas do Baixo Munim tem como objetivo, a partir de sua atuação em rede, ampliar o alcance econômico e educativo das feiras agroecológicas da Região do Baixo Munim, junto aos agricultores/as-feirantes partícipes e consumidores/as locais, a partir da ação em rede que possibilite a construção do conhecimento agroecológico e econômico-solidário, valorizando as práticas e saberes da agricultura familiar, os produtos da sociobiodiversidade, os princípios

e práticas do comércio justo e solidário, o trabalho feminino e a segurança alimentar e nutricional.

O Circuito de Feiras tem uma Coordenação Colegiada, composta por agricultoras-feirantes que representam as feiras agroecológicas municipais. O projeto foi executado através de questionário semi-estruturado em pelo menos 30% nas feirantes atuantes nas feiras por município.

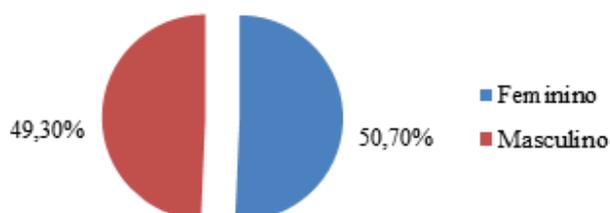
Os questionários foram aplicados em vinte e oito mulheres que estavam presentes nas quatro feiras do circuito realizadas em São Luís - MA. Os questionários aplicados nas quatro feiras contaram com a participação dos seguintes municípios: Morros (11), Cachoeira Grande (9), Rosário (8). Os integrantes das feiras provenientes de Presidentes Juscelino eram do sexo masculino e não participaram essa pesquisa. Os dados primários coletados foram feitos através de pesquisas bibliográficas e os dados secundários por aplicação dos questionários semi-estruturados, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2016. As entrevistas foram realizadas com as mulheres no momento em que aconteciam as feiras. O questionário foi dividido em vários aspectos, que continha a identificação das feirantes, aspectos pessoais, aspectos profissionalizantes e aspectos econômicos. Foram realizadas as tabulações dos dados, obtendo-se uma análise estatística dos dados, com a intensão de mostrar através de gráficos os resultados em forma de porcentagem e estatísticas. As tabulações e as representações gráficas foram feitas utilizando o programa Excel (Microsoft Office Excel).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Caracterização do grupo familiar*

A população em relação ao gênero é equilibrada, num total de 142 pessoas (100 %) da população, 72 (50,7 %) são mulheres e 70 (49,3 %) correspondem ao sexo masculino (Figura 1).

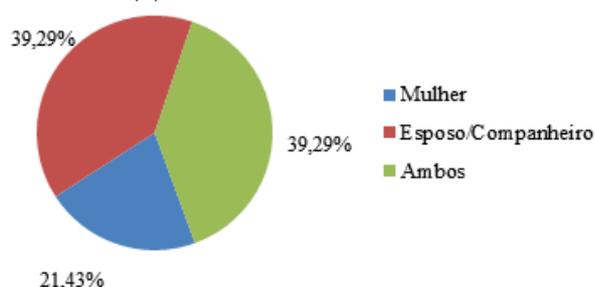
**Figura 1.** Percentual por gênero entre o grupo familiar das entrevistadas, Feirantes do Baixo Munim.



Dessas mulheres, apenas 6 (21, 42 %) responderam que se consideram como chefe de família; 11 mulheres (39,28 %) consideram seus esposos/companheiros como chefe de família; e 11 mulheres (39,28 %) responderam que consideram que ambos são chefes da família.

Foi possível perceber, que muitas feirantes já são capazes de se enxergar como importantes dentro do núcleo familiar, mesmo quando consideram que ambos são chefes da família. Elas já se reconhecem como sendo responsáveis por decidir o futuro da família. Alguns motivos justificaram a resposta das mulheres em relação a quem era considerada (o) chefe da família. Dessa forma, 4 mulheres (14,28 %) disseram que consideram os esposos/companheiros chefes de família por conta do gênero, pois pelo sexo ele tem a “responsabilidade” de governar a casa; 7 mulheres (25 %) disseram que o que justifica a sua resposta era a renda recebida pela pessoa considerada chefe de família (podendo inclusive ser ela nas respostas); 7 mulheres (25 %) acham que o determina quem deve ou não ser o chefe de família é a pessoa que trabalha na roça, nesse caso, geralmente quando a mulher considera o homem como chefe, mesmo ela exercendo o mesmo trabalho em campo; 7 mulheres (25 %) disseram que consideram que ambos são chefes de família pois tomam as decisões juntos, mantendo diálogo, dividindo tarefas e responsabilidades; e 3 mulheres, correspondendo há 10,71 % disseram que são outros motivos que justificam a resposta, como quem criou as(os) filhas(os) (Figura 2).

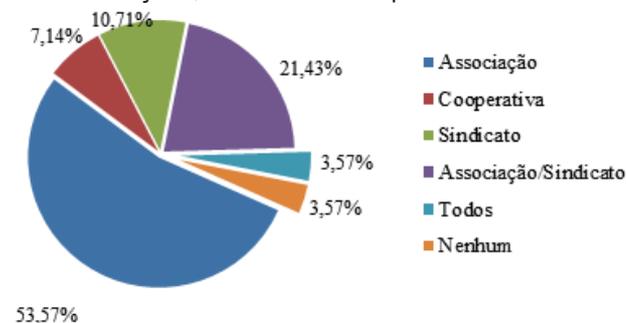
**Figura 2:** Motivos que justificaram a resposta das feirantes do Baixo Munim sobre quem era considerada(o) chefe de família.



O equilíbrio nos índices sobre o que motivou essas respostas mostra que o trabalho na roça ainda é bastante valorizado no campo, apesar de que às vezes as mulheres trabalham no campo e na esfera

doméstica, com mais de uma jornada de trabalho. O gênero ter sido levado menos em consideração que as outras opções, como renda mais alta ou o casal fazer as decisões juntos, mostra que minimamente, alguns paradigmas vêm sendo quebrados, pois hoje as mulheres já são capazes de reconhecer que isso não é determinante para exercer papéis sociais. Algumas mulheres entrevistadas, relataram que não fazia sentido o esposo/companheiro ser considerado chefe de família, se tanto ela como ele trabalhavam e sustentavam a família. A participação das mulheres (28 no total, correspondendo a 100 %) em sindicatos, cooperativas e associações foram de: 15 mulheres (53,57 %) participam de associações; 2 mulheres (7,16 %) participam de cooperativas; 3 mulheres (10,71 %) são sindicalizadas; 6 mulheres (21,42 %) participam tanto de associação como de sindicatos; 1 mulher (3,57 %) participa tanto de associação, cooperativa e sindicato; e 1 mulher (3,57 %) não participa de nenhum (Figura 3).

**Figura 3:** Participação das feirantes do Baixo Munim em associações, sindicatos e cooperativas.



A feira como transformação das relações interpessoais das mulheres da Região Baixo Munim.

A feira transformou e transforma a vida dessas mulheres de muitas formas, uma delas é a renda que as feirantes conseguem tirar. As feirantes contam que a renda antes da feira era menor, e que geralmente os produtos que tinham no quintal e na roça estragavam, pois não tinham como comercializar, pois na região, a maioria produz as mesmas coisas. Além do mais, algumas mulheres contam que tinham que se submeter aos atravessadores, que compravam os produtos mais baratos e elas não obtinha lucro algum. Às vezes, o que dava pra comercializar era a farinha, e algumas mulheres sobreviviam da pesca, como algumas mulheres da região de Rosário. A renda mensal média

da família foi de R\$ 479, 67, somado programas governamentais como Bolsa Família e PNAE que a maioria das famílias recebe e trabalhos como a pesca, variando de 150 R\$ a 1000 R\$. A renda média da feira é de R\$ 203,57 por família, o que corresponde a 42, 44% da renda familiar, variando de 100 R\$ a 500 R\$. Dessa forma, percebe-se que o lucro proveniente da feira, é fundamental para a complementação da renda mensal das famílias do Baixo Munim.

A participação dessas mulheres nas feiras mudou a forma de como essas mulheres se relacionam. Algumas feirantes dizem que a feira mudou completamente suas vidas. Antes elas além de não ter uma renda, não saíam de casa, não se relacionavam com muitas pessoas. Uma das grandes mudanças que a feira proporcionou na vida dessas mulheres, foi a desconstrução de alguns valores e a construção de novos. Elas se sentiam incapazes, e algumas dizem que não sabiam nem conversar. Agora, elas fazem novas amizades, conhecem pessoas novas, se sentem mais independentes, estreitam laços. A feira transformou os valores dessas mulheres, hoje, a autoconfiança das mesmas faz com que elas se sintam capazes de tomar decisões, de fazer escolhas, coisas que há algum tempo atrás eram improváveis para a realidade dessas feirantes.

Com a feira elas foram capazes de não só aumentar a renda da casa, mas também de oferecer certo conforto às suas vontades, fortalecendo a autoconfiança dessas mulheres. As feirantes que não se consideram economicamente autônomas, 7 mulheres (25 %) acreditam que ainda não são capazes de se sustentar sozinhas, mas que a feira é um caminho para que isso um dia aconteça e que há um grande caminho pela frente. Todas as mulheres foram capazes de reconhecer a feira como uma ferramenta para a autonomia financeira, mesmo que a mesma ainda não tenha acontecido.

Os programas governamentais, como o PNAE, ainda são fundamentais para a vida no campo. Mesmo os questionários não trabalhando a questão de programas como o Bolsa Família, muitas mulheres relataram que são cadastradas e dependentes dessa renda. Dessa forma, é possível concluir que os programas governamentais, sejam eles relacionados a agricultura ou não, ainda são importantes para o aumento da qualidade de vida das pessoas do campo. Possibilitando que essas pessoas possam conquistar

coisas que antes não faziam parte de sua realidade, como os meios de transporte.

## AGRADECIMENTOS

A Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil, por ter me mostrado o verdadeiro sentido do curso de engenharia agrônômica, me ensinando a respeitar a agricultura camponesa, e a diversidade que existe na natureza e nas relações humanas.

Pelo empoderamento feminino, alcançado graças aos estudos coletivos e momentos de auto-organização junto às companheiras. Por ter me dado a graça de conhecer estudantes de agronomia de todo o país, que junto comigo sonham com um modelo de agricultura popular e justo. A todos os movimentos sociais do campo, e a Via Campesina. A todas as mulheres, pela força e pelo despertar do sagrado feminino, me possibilitando resgatar valores de nós mulheres num todo, social, pessoal, psicológico. Pela essência do que é ser mulher, me instigando a levantar todos dias e lutar por nós, pela nossa liberdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODRIGUES, L.A.D. A participação da mulher no processo de desenvolvimento do cooperativismo em Jacinto Machado/SC: o caso COOPERJA (1969 –2005), **2005**.

SILIPRANDI, E. Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar, **2010**.

SILVA, J.S.F.; GOMES, A.F.; SANTOS, A.A.; SANTANA, W.G.P.; CHAVES, A.M.; PIAU, D.D.Ne. Relações de Gênero no Mundo do Trabalho: um estudo com mulheres feirantes no interior da Bahia, **2014**.

THOMAZ, A.J, O papel da mulher na luta pela terra. Uma questão de gênero e/ou classe? **2002**.